

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE À EDUCAÇÃO – ENTRE POSSIBILIDADES À FORMAÇÃO DE PROFESSORES

THE CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS TO EDUCATION - BETWEEN POSSIBILITIES TO TEACHER TRAINING

Lucas Rodrigues Lopes¹

RESUMO: Considerando a Psicanálise um campo clínico e de investigação teórica, o presente artigo, com base em um levantamento bibliográfico, buscou discutir as contribuições da Psicanálise à Educação, principalmente no que tange à área de formação de professores. A fim de cumprir com o proposto, foram feitas articulações teóricas com autores basilares, que discutem essa questão (FREUD, 1914); (KUPFER, 2017); (MOREIRA e KRAMER, 2017); (LACAN, 2002) e (RIBEIRO, 2016). Sendo assim, foram tecidas algumas reflexões, que têm como objetivo contribuir à formação de professores a partir da interface Psicanálise- Educação. Como resultados, entendeu-se que a discussão ainda é bastante preliminar e requer aprofundamento de ambas as áreas.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Formação de Professores. Práticas Educativas. Saberes. Transferência.

ABSTRACT: Considering Psychoanalysis as a clinical and theoretical research field, the present article, based on a bibliographic survey, sought to discuss the contributions of Psychoanalysis to Education, especially with regard to the area of teacher training. In order to comply with the proposal, theoretical articulations were made with basic authors, who discuss this issue (FREUD, 1914); (KUPFER, 2017); (MOREIRA and KRAMER, 2017); (LACAN, 2002) and (RIBEIRO, 2016). Therefore, some reflections were made, which aim to contribute to the training of teachers from the Psychoanalysis-Education interface. As a result, it was understood that the discussion is still quite preliminary and requires deepening of both areas.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Teacher training. Educational Practices. Knowledge. Transference.

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA) Faculdade de Letras – Língua Inglesa Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, a discussão terá como base o frutífero diálogo, que, já há alguns anos, tem se estabelecido entre áreas consideradas convergentes, como, por exemplo, a Psicanálise e a Educação.

Sendo assim, com base em um levantamento bibliográfico, serão mobilizadas algumas noções bastante relevantes ao campo psicanalítico, tal como “sujeito-suposto saber” e “transferência”. Dessa maneira, acredita-se que esses dois conceitos sejam expressivos à construção do saber, além de se caracterizar como um dispositivo teórico-analítico indispensável à formação de professores na atualidade.

Diante dessas considerações, tem-se notado que o diálogo entre o campo educacional e o psicanalítico tem trazido contribuições no sentido de melhor compreender as discussões na área da Educação, visto que a Psicanálise vislumbra o sujeito, no âmbito educacional, a partir de um olhar, que interpreta as ações e decisões em sala de aula, contemplando os papéis assumidos e as práticas educativas adotadas, no que tange à formação desse sujeito, assim como abarca discussões em torno da figura do educador, com o propósito de perceber o papel que esse profissional desempenha ou ocupa no acontecimento de sala de aula ou nos espaços que engendram a atuação docente.

Dessa maneira, espera-se contribuir com a formação de professores, considerando a convergência dessas duas áreas do conhecimento, partindo dos constructos da Psicanálise, promovendo, assim, uma reflexão crítica voltada à prática docente e seus desdobramentos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em se tratando da metodologia adotada para o desenvolvimento deste artigo, adotou-se o levantamento bibliográfico no tange às contribuições da Psicanálise à Educação, mais especificamente voltadas à formação de professores. Nesse sentido, corroboram-se com Galvão (2017, p. 3), cujos estudos defendem que

realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas.

Assim, optou-se por essa vertente metodológica, pois se objetivou contribuir como fundamento a pesquisas no porvir sobre o assunto tratado, bem como estabelecer as produções nos últimos anos. Dessa maneira, dentre os procedimentos metodológicos, que foram incluídos na elaboração deste artigo, fez-se o uso do mecanismo de busca e análise de aspectos relevantes sobre as possíveis contribuições de noções psicanalíticas às práticas educativas.

Nessa direção, Gil (2002, p. 41) destaca que, mesmo sob o enfoque do levantamento bibliográfico, é possível tratar dados e orientar respostas aos problemas emergentes no campo da pesquisa.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO – APONTAMENTOS EDUCACIONAIS E PSICANALÍTICOS

Na esteira de discussões contemporâneas sobre o papel do professor na formação do educando, tem sido bastante comum trazer à reflexão crítica a construção da relação professor-aluno dentro da perspectiva do ensino-aprendizagem.

Assim sendo, em um mundo globalizado, que se pauta na construção de conhecimento de forma alinear e em redes, considerando o efeito vertiginoso do progresso científico e tecnológico, consegue-se entender a heterogeneidade de sentidos emergentes da complexa relação professor-aluno, sendo que se tornam inócuas receitas prontas à análise de sujeitos em constante mudança e evolução. Consequentemente, Moreira e Kramer (2017, p. 1042) alertam-nos de que

Os múltiplos sentidos atribuídos à presença das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) no ensino, vistas como contribuição para que se superem os limites das velhas tecnologias, ilustradas pelo quadro-giz e por materiais impressos, se solucionem problemas pedagógicos com que o professor se depara ou ainda se enfrentem questões sociais mais amplas.

Desse modo, torna-se bastante relevante a discussão sobre o sujeito-professor, a partir dos estudos da Psicanálise na interface com a Educação, já que ela perpassa a ordem do discurso educacional de que a adoção de ferramentas tecnológicas, materializadas pelas TICs, teria dom prodigioso, algumas vezes, confundindo o papel do professor na construção de saberes no âmbito educacional.

Entretanto, traz à reflexão a pertinência de o sujeito, na esfera educacional, ser contemplado baseado em produções sócio historicamente situadas, sendo possível analisar as (trans)formações pelas quais o aluno e o professor passam, visto que ambos se inserem na sociedade da informação, na qual, a todo momento, novos arranjos acontecem.

Por conseguinte, Giddens (2016, p. 32) busca dar encaminhamentos sobre o cenário educacional atual e seus desdobramentos na formação do sujeito-professor, discutindo que

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.

Portanto, dentro dessa visão, é relevante apontar que a Educação tem sido vislumbrada de um lugar de liquidez, ou melhor, a instituição escolar tem sido atravessada por discursos da Ciência, que compreendem dizeres sobre as TICs, fazendo ruir a permanência do espaço escolar de uma mesma forma por muito tempo. Isso traz algumas consequências à relação professor-aluno, pois, à medida que o espaço educacional se vê forçado a mudar, novas formas de relacionamento parecem ser criadas para suprir novas políticas, novos modelos e novas formas de conceber a construção do saber.

Desse modo, com base nos estudos de Libâneo (2018), entendemos o lugar do professor como mediador na relação ativa do aluno com os conteúdos de uma

disciplina da matriz curricular. Entretanto, nesse sentido, apontamos ser preciso que o professor leve em consideração a construção de conhecimento, a experiência e o sentido atribuído ao ensino-aprendizagem, ponderando sobre a realidade e a necessidade do aluno, já que ele traz impressões em sua bagagem à sala de aula, na qual a diversidade linguístico-cultural precisa ser vista e compreendida.

Dentro dessa perspectiva, acreditamos que tanto a Educação quanto a Psicanálise buscam, por meio da construção dos saberes, o desenvolvimento do ser humano. Isso, sem sombra de dúvida, pode ser feito com base na interface e na intersecção de diferentes áreas do saber com a finalidade de melhor orientar a prática educativa e a formação de professores.

Assim, com base nessa visão, Kupfer (2017) discute essa faceta por apontar que a contribuição da Psicanálise à Educação está na orientação ética frente à tarefa de ensinar e no desdobramento da formação docente. Para essa pesquisadora, a discussão precisa perpassar a inspiração de educar. O educador guiado por ideias psicanalíticas torna sua atuação bem menos programada e controladora para assumir uma prática de ensino, que organiza a produção do saber, mas traz à reflexão crítica o fato de não ter controle sobre os efeitos que produz sobre os alunos. Isso materializa uma noção instituída do papel do educador, já que é um modo de se ver e entender sua prática educativa.

TRAZENDO ALGUNS CONCEITOS PSICANALÍTICOS À PRÁTICA DOCENTE – EMERGÊNCIAS NO CAMINHO FORMATIVO

A partir dos estudos de Ribeiro (2016), que defendem que tanto a Educação quanto a Psicanálise emergem na/da complexidade de entender o ser humano, percebemos a importância de entrelaçar saberes emergentes das duas áreas a fim de pensar a formação de professores nesse percurso. Dessa maneira, cremos ser significativo traçar alguns conceitos basilares, tais, como, por exemplo, o funcionamento psíquico do ser humano, a relação da transferência aluno-professor e o prazer de ensinar-aprender, cuja temática estabelece relação à noção de desejo. Assim, é relevante arrolar que o imbricamento entre essas duas áreas surge, porque a Psicanálise funciona como corpo teórico e a Educação como discurso social, em um processo bastante profícuo, que influenciara uma à outra no que diz respeito à área de atuação. Em se tratando do desenvolvimento humano, decorrente do processo de lida do sujeito-professor na esteira educacional, Jerusalinsky (2019, p. 23) destaca que

A questão do desenvolvimento aparece inevitavelmente recortada, precisamente porque o que se desenvolve é uma função e, não, um sujeito. É na parcialidade própria da função que o objeto adquire um contorno que o define, então, sempre como fragmentário. Ali, nessa parcialidade, surgem os representantes específicos, que vão se organizando como sistema: o motor, o perceptivo, o fonatório, os hábitos, a adaptação.

À vista disso, podemos compreender que a Educação e Psicanálise perpassam a construção do saber em rede e de forma alinear, já que o elo estabelecido, com base nas duas áreas, abre caminho, à reflexão crítica em torno da impossível maestria do ensinar

e aprender. A Psicanálise, dessa forma, oferece à Educação caminhos possíveis para repensar a formação docente, já que, muitas vezes, essa área adquire status de ingovernável ou de difícil realização.

Nessa direção, Leite (2018) é bastante incisiva, quando discute essa vertente, pois discorre que, com base em Freud (1913), a transmissão da Psicanálise precisa ir além do divã. Para isso, a noção de educador analisado se faz extremamente necessária, uma vez que traz o ensino-aprendizagem à esteira da realidade.

Desse modo, Freud (1914, p. 249), considerando que, no espaço escolar, o professor é objeto da transferência, por parte do aluno, e que essa transferência remonta relações passadas, isto é, o modo como as relações foram experimentadas na infância. Isso ganha vida e materialidade, no momento em que o sujeito inserido nas idas e vindas, emergentes no/do espaço escolar, evoca e reaviva tudo aquilo que não esqueceu, mas recalcou e reprimiu, fazendo com que traga à atualidade experiências revigoradas como fatos atuais. Sendo assim, para o médico neurologista e psiquiatra (1914, p. 249), os professores tomam lugar no ato transferencial, pois

Transferimos para eles [nossos professores – pais substitutos] o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e ajudados por elas, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso.

Com essa particularidade em mente, é preciso fazer algumas considerações. Uma delas está presente nas discussões de Filloux (2017), que dizem respeito às funções da Educação e da Psicanálise. Para o pesquisador francês, o campo educacional e o psicanalítico precisam estar em sobreposição e oposição, já que tratam do corpo humano, mas fazem percursos antagônicos. Dessa maneira, por meio de uma promoção educativa, conseguem-se vias até a Educação. Já, na prática psicanalítica, o exercício acontece pela promoção terapêutica.

Assim, colocando o campo educacional e o psicanalítico em similitude, buscam-se, nos estudos de Lacan (2002), alguns embasamentos para estabelecer relação e, dessa forma, pensar na contribuição de ambas à atuação docente e, conseqüentemente, à formação de professores. Para Lacan (2002), é a linguagem que busca humanização, referindo-se ao campo do simbólico. A palavra busca outro, cuja função é ratificar o dizer, um exercício de acolhimento da subjetividade do outro. Esse olhar é bastante importante à Educação.

Em se tratando da importância do outro na subjetivação da construção do saber, Ribeiro (2016) e Filloux (2017) discutem que o ensino-aprendizagem precisa de mediação. Essa mediação tem o professor como representante e será ele quem fará a construção do saber acontecer, o sujeito se constitui a partir do seu conhecimento.

Diante desse percurso, entende-se que as decisões e ações de sala de aula perpassam a noção de transferência. Freud (1988) reconheceu essa noção, emergente em diferentes relações estabelecidas ao longo da vida, por tratá-la como reedições de experiências vividas em que impulsos e fantasias são despertados. Vale evidenciar que, em se tratando da relação professor-aluno, na qual a figura do analista se esvai, a transferência é emergente na relação hierarquizante entre duas pessoas, que podem estar em posições assimétricas ou não.

Considerando esses apontamentos, Mariotto (2017, p. 37) discute que

Educar é transferir um legado de pai para filho. Partindo da suposição de que na relação pedagógica está implícita a relação humana, a educação se desenvolve muito mais pelo laço que se estabelece do que pelo conhecimento adquirido que expressamos ao outro.

Assim, entende-se que, na atualidade, é emergente pensar a Educação com base na construção do laço social, já que será a partir das ações e decisões do professor em sala de aula, que a subjetividade virá à margem das práticas de ensino-aprendizagem, já que há sobreposição do saber fazer ao saber ser.

Refletindo um pouco mais sobre a noção de transferência e da importância ao campo educacional, Santos (2009) define a transferência como um ato que engloba sentidos e representações. Assim, no ambiente escolar, observa-se que esse conceito ganha vida, quando professor e aluno se relacionam, já que os impulsos e fantasias demarcam os primeiros anos de vida, materializando, dessa forma, relações parentais e fraternais, uma vez que orientaram a constituição do sujeito. Consequentemente, trazendo à cena escolar, consegue-se capturar, por meio da atuação do professor, a exemplo da figura do analista, demonstrações de afeto, que independem do ato de ensinar e aprender, já que diversas vezes o aluno carrega uma representação daqueles que atuam no espaço escolar. Isso pode ser materializado pela admiração ou paixão pelo professor sem nunca ter tido aula com esse sujeito.

Sobre isso, Mariotto (2017, p. 38) aponta que

Damos destaque para a ideia de que a figura que pode ser substituída nessa operação transferencial é o professor. Assim, o professor é convidado a ocupar o lugar que transcende a prática pedagógica, na medida em que se torna suporte investimentos libidinais de seu aluno, já que é objeto de uma transferência.

Igualmente, com base em Freud (1914), acredita-se ser necessária a discussão da relação professor-aluno atravessada pela noção de transferência, já que, no contexto escolar, sabe-se que são emergentes representações de sentimentos: amor e ódio, bem como censura e respeito, sendo os professores os primeiros substitutos dos primeiros objetos de investimento de desejo e sentimentos amorosos, endereçados à substituição da figura paterna, que instaura lei e ordem.

Por fim, daremos enfoque com base nos estudos de Lacan (1969), o qual trabalhou cabalmente quatro maneiras de o sujeito enunciar: discurso do Mestre, discurso da Histórica, discurso do Universitário e do Analista.

Neste momento, apropriando-se do discurso do Mestre, parte-se dos estudos de Mariotto (2017, p. 41) defendendo que

O agente, na condição de detentor do saber, convoca o outro, que figura como escravo, a trabalhar arduamente, entregando-lhe o fruto de seu suor, em outras palavras, aquilo que o satisfaça. Dentro dessa ótica, é preciso destacar que o discurso do Mestre trata por excelência da constituição do sujeito, uma vez que, para entrar em exercício, precisa se manter alienado ao outro, sendo condição de subjetivação, uma vez que supõe no Mestre o saber sobre si.

Disso pode-se entender que, pela condição do Mestre, é o outro que concentra seu gozo, pois entende que é de sua responsabilidade fazê-lo gozar. Dessa forma, o Senhor – que figura como a mãe, o professor, o governante, o pai – sujeitos ao Escravo – o filho, o aluno, o súdito. Sendo assim, destaca-se o agente figura como outro para o agenciado, embora aquele que ocupa a posição de Mestre reconheça a falta, isto é, ele não sabe tudo, sendo marcado pela castração. Para entender essa lógica, por conta de sua condição de castrado, o Mestre dirige-se ao outro requerendo que lhe seja dado algo que ele não possui. O outro é quem sabe como operar de modo a satisfazer seu Mestre. Ou seja, o Mestre precisa ocupar uma posição de contemplação na construção do saber, fazendo emergir um hiato no ato educativo que é constitutivo.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES FRENTE AO DISCURSO UNIVERSITÁRIO

A caminho dos olhares (in)conclusos, torna-se pertinente discutir a posição do sujeito-professor nos discursos que o enredam e o enveredam, já que é o mestre quem personifica seus distintivos, diversas vezes, conferidos pelos próprios pais para se ocupar de tal posição juntos aos filhos-alunos. Interessa-nos destacar alguns deslizamentos nessa função, pois, nos últimos anos, vê-se que a posição professor tem construído um olhar que compreender em saber orientar o outro o que fazer.

Decorrente disso, discute-se que, como aborda Mariotto (2017, p. 42), há um saber flutuante na esteira de formação de professores, pois tem considerando o lugar do professor e do aluno como o lugar do impossível de tudo saber.

Sendo assim, entende-se que a formação de professores toma para si uma ordem do discurso, cujo vértice toma a construção do saber na esteira do discurso Universitário, pois tem despersonalizado o saber do mestre como lugar do saber absoluto. Isso, em conformidade com os estudos de Mariotto (2017, p. 43), põe o saber na posição de Senhor, encaminhando-se ao outro como pequeno ser.

De uma vertente lacaniana, o discurso do Mestre perpassa a construção do saber como um modo a se despir pelo discurso Universitário, já que a verdade se torna inalcançável. Dessa forma, com base em prismas da modernidade, vislumbra-se o mestre como aquele que não, visto que, em seu lugar, surge o saber.

Nessa esteira de reflexão, Lacan (1969, p. 99) nos traz à brilhante reflexão: “Não pensem que o mestre está sempre aí. O que permanece é o mandamento, o imperativo categórico ‘continua a saber’”.

Desse modo, Mariotto (2017, p. 44) é precisa ao tratar dessa particularidade tão relevante à formação de professores, quando diz que

Ora, alguém que pretende ocupar o lugar do saber sem falhas, totalizante, de colonizador do real, convida o outro a permanecer na condição de assujeitamento e alienação absolutos. Ao submeter-se a esse imperativo categórico de continuar a saber sempre mais, toda questão em direção à verdade será silenciada.

Em vista disso, a construção de conhecimento e o modo como se vislumbra a Ciência passa pelo corpo, possibilitando uma descentralização tanto de educador quanto de educando.

OLHARES (IN)CONCLUSOS

Enfim, chegou-se ao Olhares (IN)Conclusos. Por meio de um levantamento bibliográfico, foi estabelecido um percurso que visou esclarecer como áreas concatenadas podem contribuir à formação de professores na atualidade. Desse modo, neste trabalho, a Psicanálise foi tomada como um campo clínico e de investigação teórica, cujos apontamentos podem servir na construção de saberes, advindo tanto do corpo docente, bem como da relação professor-aluno.

Os muitos momentos e movimentos em sala de aula requerem um olhar inter/multidisciplinar daqueles que se desafiam a ocupar esses espaços diariamente. Foi, exatamente, com esses em mente que nos propusemos a estabelecer o que aqui se apresentou - proveitoso diálogo de áreas convergentes, como, por exemplo: a Psicanálise e Educação.

Dessa maneira, o que foi mostrado se pautou em considerações sobre práticas educativas, que levam em conta noções do campo analítico para melhor compreender modos de subjetivações de sujeitos-professores.

Acredita-se que uma visão interdisciplinar à prática educativa pode trazer benefícios à compreensão em torno da função e da figura do professor, já que esse, na atualidade, perpassa o prisma do descrédito e desvalorização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILLOUX, Jean Claude. Psicanálise e educação, pontos de referência. Estilos da Clínica, São Paulo, ano II, N° 2, 2017.

Freud, Sigmund. Totem e tabu. In J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIII, pp. 13-168). Rio de Janeiro: Imago, 1913.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. 1. Ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, p. 85-119, 1914.

FREUD, Sigmund. Histeria. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p. 43-65.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. São Paulo: EDUSP, 2017.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo, Editora. UNESP, 2016.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JERUSALINSKY, Julieta. Educação é terapêutica? (parte II), p. 161-168. In: Psicanálise e desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2019.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Tratar e educar o autismo: cenário político atual. *Educação e Pesquisa*, vol.43, N° 3, 2017.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro VI: O desejo e sua interpretação. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos (Org.). Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018.

LEITE, Mônica Fujimura. A inversão da demanda: "de que serve a psicanálise à educação?". In: *Proceedings of the 8th: O declínio dos saberes e o mercado do gozo*, São Paulo, 2018.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise. *Revista Estilos da Clínica*, São Paulo, ano VIII, N°. 15, 2017.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. *Educação e Sociedade*, vol.28, n.100, pp.1037-1057, 2017.

RIBEIRO, Maviane Vieira. A educação e a psicanálise: um encontro possível. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol.8, N°.2, pp. 112-122, 2016.

SANTOS, Jacia Maria Soares dos. A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.